



3ª EDIÇÃO



CC 2026

www.revistaupile.com

UPILE REVISTA

**COBERTURA DE EVENTOS
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;
BRANDING E PRODUÇÃO DE
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE
COMUNICAÇÃO E
MARKETING
(INSTITUCIONAL OU
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com



**“É Preciso uma Aldeia inteira para Educar uma Criança.”
Provérbio Africano.**

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 3ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Yao Nation

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 50

Número de Páginas: 58

Ano: 2026

SUMÁRIO



NOTÍCIAS

07



HISTÓRIAS QUE INSPIRAM

25



ENTREVISTA

32



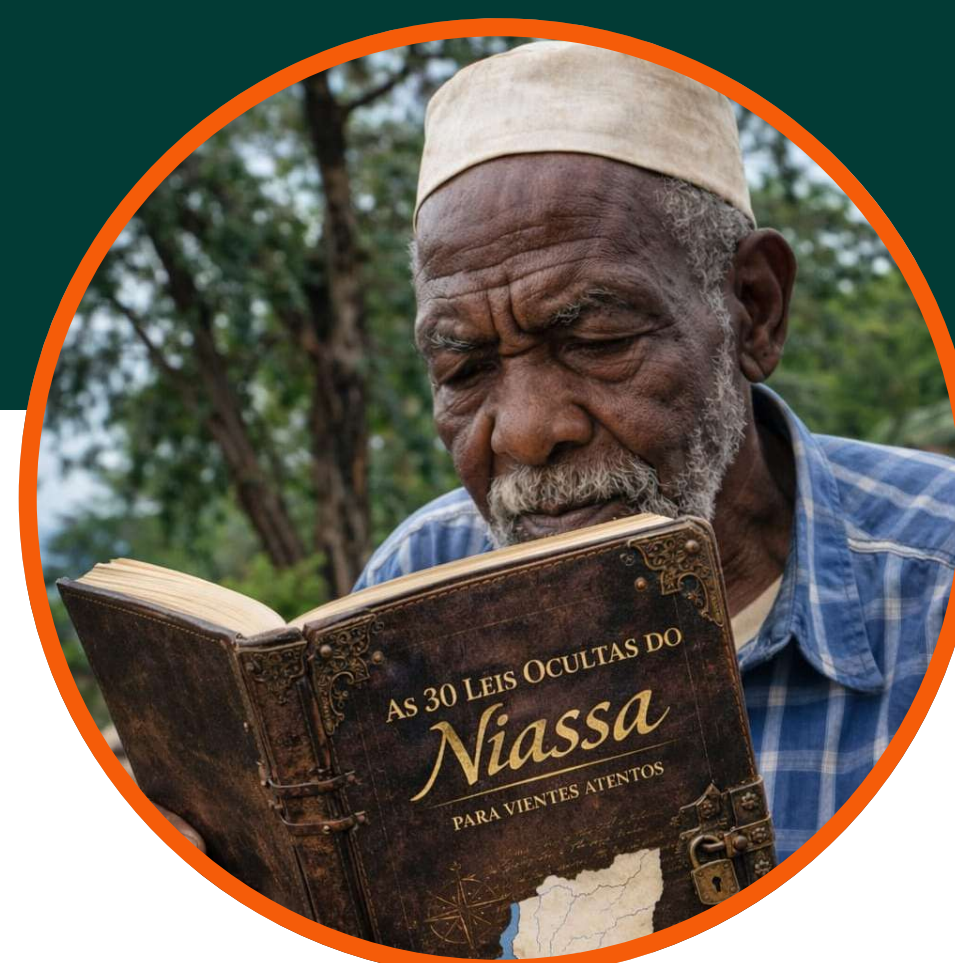
OPINIÃO

36



COLUNA

41



RESENHA

45



ENTRE VERSOS

48



MINHA BIO

52



PERGAMINHOS

56





NOTÍCIAS

UM NOVO HORIZONTE SE ABRE COM O NASCIMENTO DO LICEU VALÉRIO SAMUEL EM LICHINGA

Dono de mil infinitos projectos, Valério Samuel, Tio Barba para os mais chegados, decidiu inovar mais uma vez no sector da educação em Lichinga. Depois de uma década de experiência de sucesso no ensino primário com o CADA-PS, eis que tira da cartola mais uma cartada. Desta vez, do seu cérebro pariu um liceu, que como de costume nos seus projectos, encanta e conquista corações.



Não era para tanto, o Liceu Valério Samuel, não é uma simples escola, é um canto de aprendizagem e desenvolvimento de competências que se instala em Lichinga.

Sempre atento ao clamor da comunidade, responde como se pretende de um educador. Com o liceu, abre se as portas para continuidade de estudos dos graduados do CADA-PS, mas vislumbra-se no horizonte muitos sonhos para alunos de outras proveniências. Numa primeira fase, os portões do saber no liceu abrem com a 7ª classe, com perspectivas de expansão gradual para as 8ª e 9ª classes nos próximos anos. Mas como prova viva de que o limite é o céu, o nível médio é a mira na certa, abrangendo da 10ª à 12ª classe.



Os 76 alunos matriculados são a combustão do liceu. E para moldar cada um desses egos, a escola dispõe de uma biblioteca e de um laboratório, infra-estruturas que visam reforçar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Para além das disciplinas curriculares previstas no plano oficial, a instituição introduz também semi- disciplinas voltadas para o “saber fazer”, um diferencial ao alcance de poucos na cidade, por combinar a Electricidade e a Informática, áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento pessoal e técnico dos alunos.

O homem de todas medidas, não mede esforços nas inovações pedagógicas e a introdução do ensino de xadrez, é disso exemplo. Para o efeito, foi alocado um professor especializado na modalidade, com o objectivo de estimular o desenvolvimento cognitivo e promover benefícios terapêuticos aos estudantes. No Liceu Valério Samuel, não há gago que não saiba do que fala, nem cego que não enxergue por onde passa e Juvêncio Ernesto, o professor de xadrez, sabe do que fala:

“Sou professor de Xadrez e a ideia da implementação é promover uma interacção entre o Processo de Ensino e Aprendizagem (PEA) e a modalidade. O xadrez traz grandes vantagens, pois leva a criança a pensar mais além, desenvolve o processamento rápido das ideias e pode contribuir para que os alunos evitem o uso de drogas e álcool.”



A satisfação da comunidade foi evidente. E, à Revista Upile, a encarregada de educação Lídia Lemos afirmou:

“A escola é boa, visto que a minha educanda vem do CADA. Tive a oportunidade de inscrevê-la nesta escola porque obtive óptimo aproveitamento. Esperamos mais do Liceu, que continue dando um bom acompanhamento aos nossos educandos. Como encarregada de educação, estou satisfeita pela iniciativa.”



Por sua vez, o director da escola, Valério Samuel, deixou um apelo aos pais e encarregados de educação:

“O nosso apelo é que eles continuem a colaborar, porque sozinhos não conseguiremos. A escola ajuda na instrução, mas a educação é responsabilidade de todos. Como se diz, o filho é permanente, mas o aluno é transitório. Com a colaboração dos pais e encarregados de educação teremos grandes resultados.”



A inauguração do LICEU VALÉRIO SAMUEL representa, assim, um passo importante para o fortalecimento do sistema educativo local, garantindo continuidade formativa e ampliando oportunidades para os estudantes do Distrito de Lichinga.

PUB.

1ª EDIÇÃO - 2026



VOTE NO SEU FINALISTA FAVORITO

SERAFIM ORLANDO

PROVÍNCIA DE NIASA

1 VOTO	25MT
5 VOTOS	100MT
12 VOTOS	200MT
30 VOTOS	500MT
65 VOTOS	1.000MT

COMO VOTAR?

VOTE TRAVÉS DO E-MOLA: **+258 87 980 7932**

REFERÊNCIA: **KOM SERAFIM**

A votação encerra
no dia **10 de Julho de 2026**

Siga as nossas redes sociais:  **Kings of Mozambique**

Patrocinador Oficial:



LEZILE CONTA ESTÓRIAS À MÃO LEVANTADA NO MUSEU DA MAFALALA

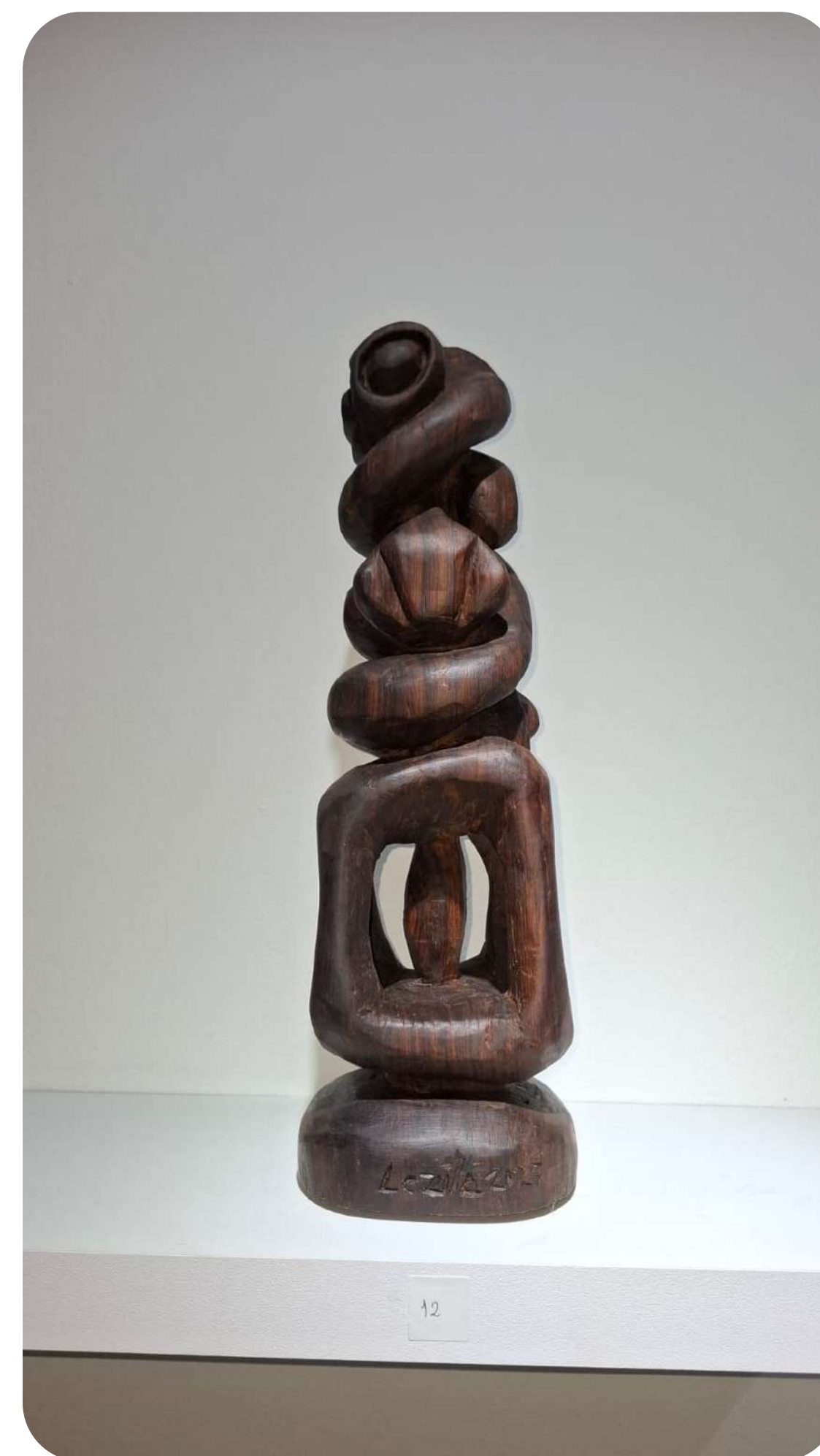
Os dias nascem com sol; e, com este, eventos se anunciam e cantam ao som dos pássaros, cânticos da mocidade, que se revestem de nostalgia a cada memória por si deixados. É nesse espírito que **Juvenil Alex Lezile**, de mão sobre a ancestralidade, fala idiomas conhecidos apenas no mundo das esculturas.

Para muitos, são meros objectos. Ainda assim, todos eles carregam símbolos que as nossas consciências guardam no esquecimento. Não bastou que Lizile nos recordasse, mas essas memórias permanecerão guardadas até o infinito da nossa imaginação. Quando nem ela estiver ao alcance do tempo, os dias se prolongarão até que Março se ausente.

Para Lezile, partir sem chegar é ignorar a identidade. Por isso "*O Corpo que Guarda os Ausentes*" chegou, e encantou na verdade e no espírito. Mas no bairro da Mafalala, o testemunho é ainda mais forte. O peso do nome acrescenta o valor das artes e no seu Museu, Lezile encontrou um depositário para preencher de suas ausências.

Em cada uma das 19 peças, Lezile encarna membros de um corpo cujas histórias são contadas por ausentes em nome de ausentes, para outros ausentes. Rostos mergulhados em lágrimas, molham presenças atentas no detalhe mais remoto da exposição.

Oriundo da terra das águas, o aquático do Lago Niassa, Lezile, com esta exposição deixa uma garantia: não há vida sem ancestralidade.



UM ENCANTO CHAMADO "GRUPO CULTURAL CHIODA DE MASSANGULO"



Quando se pensava que nada mais de bom poderia emergir da terra onde jorraram os primeiros quadros profissionais do Niassa, das oficinas de onde saíram, com honra e mestria, jardineiros, sapateiros, joalheiros, serralheiros, carpinteiros, mecânicos, oleiros, alfaiates, dactilógrafos, artistas plásticos e artesãos, eis que, na manhã de 03/02, a partir de uma missão que aos poucos se transforma em ruína, ressurgiu o Grupo Cultural Chioda de Massangulo.

Com a sua magia de dança e canto, cultivada desde a década de 1980, o grupo abrilhantou o palco da tribuna de Massangulo, no âmbito das comemorações do 3 de Fevereiro, data consagrada aos Heróis Moçambicanos, em homenagem a Eduardo Chivambo Mondlane, arquitecto da Unidade Nacional.

Nem o calor escaldante nem a presença tímida de populares conseguiram deter aquele que é considerado o grupo cultural mais vibrante de Massangulo. A sua energia e entrega contagiaram o público presente.

Entre um homem e mulheres de vozes encantadoras, o Chioda de Massangulo recordou aos presentes que a arte continua a ser a expressão viva dos sentimentos de um povo – um povo que resiste a uma seca de acções, a um vento de desleixo e a prioridades mal cogitadas.

A actuação foi marcada por um elevado grau de patriotismo, chegando a comover o público, mesmo contando apenas com um batuque, prova inequívoca de que a força da cultura não se mede pela abundância de meios, mas pela autenticidade da mensagem transmitida.

A nossa equipa de reportagem, que esteve no terreno, interpelou Ana Jorge, mãe mobilizadora e animadora do grupo, a qual explicou que o colectivo, fundado em 1980, conta actualmente com 32 membros: dois tamboristas, Maquie Daglas e Chiziuvelele Chaibo, e 30 mulheres, todas residentes em Massangulo. Manifestou ainda o seu clamor por apoio para a aquisição de mais batuques e outros equipamentos que traduzam fielmente a identidade cultural do colectivo.

Por sua vez, em declarações à nossa reportagem, Vitória Glória Bento, uma das vozes sonantes do grupo, afirmou que o Grupo Chioda de Massangulo ambiciona afirmar-se como expressão viva da cultura a nível da província do Niassa, objectivo que passa por uma participação mais consistente em eventos locais, inter-distritais e provinciais.

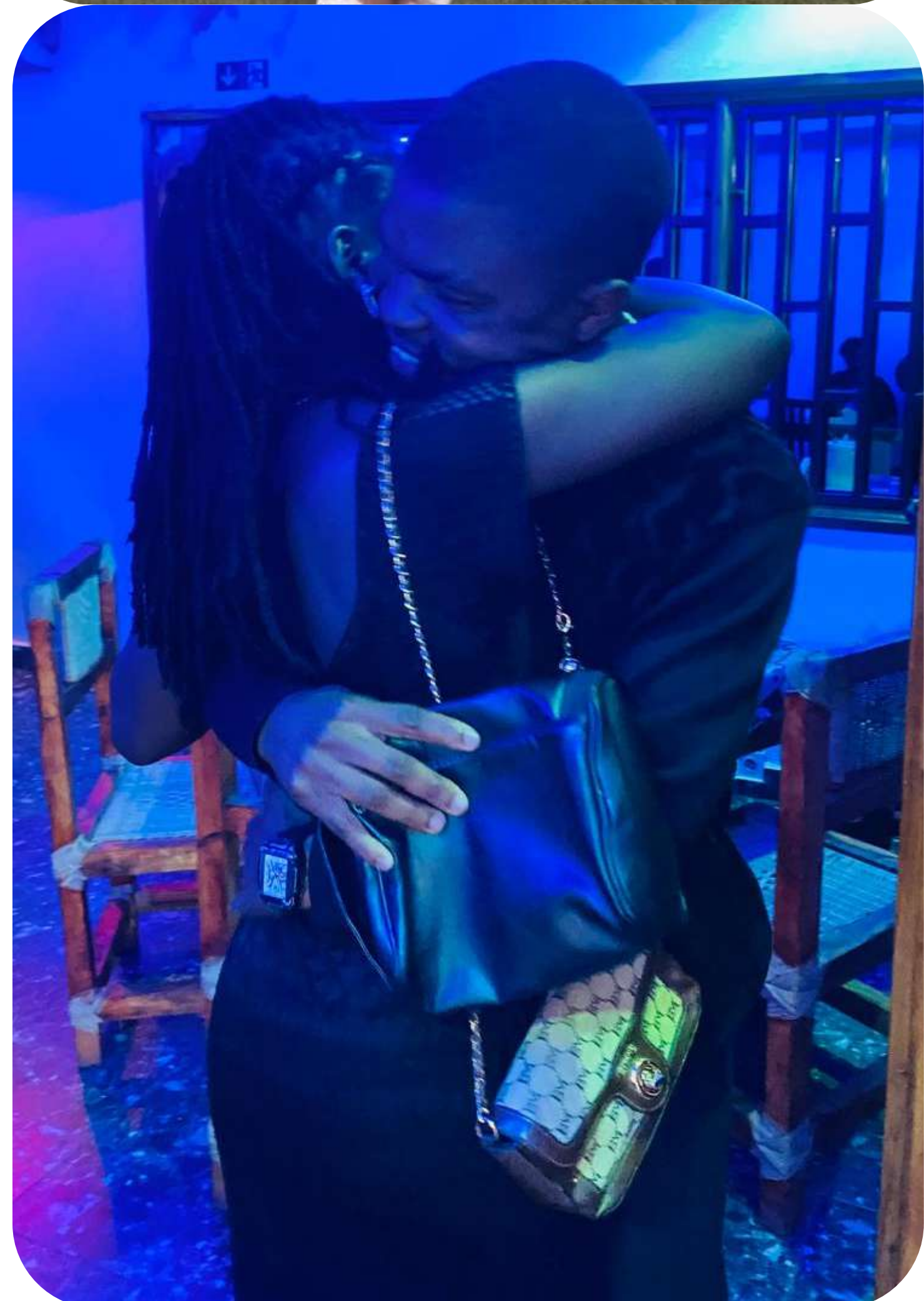


As nossas intervenientes foram unânimes em afirmar que a abertura do grupo se estende à aceitação de novas solicitações para actuações em diversos eventos, pois só assim o grupo não passará despercebido. Relativamente às efemérides de 8 de Março e 7 de Abril, que se avizinham, confessaram que o grupo está expectante para acolher, animar e interagir com a comunidade local, pois é assim que a vida ganha sentido: rindo e fazendo rir os outros.

O Grupo Cultural Chioda de Massangulo reafirma-se, assim, não apenas como guardião das tradições locais, mas também como voz activa da memória, da resistência e da identidade cultural da comunidade. Num palco simples, com recursos modestos, prova que a grandeza da arte reside na entrega, na consciência histórica e no compromisso com o povo. Em Massangulo, o Chioda não dança apenas, testemunha, educa e mantém viva a chama da cultura moçambicana.



SÃO VALENTIM: NOITE DAS ALMAS GÊMEAS AGITA CIDADE DE LICHINGA



Sob a luz suave das emoções e ao som de melodias apaixonadas, a noite de São Valentim em Lichinga ganhou almas gêmeas. Entre corações decorativos, cores intensas e um ambiente envolvente, os restaurantes, jardins entre outras esquinas da cidade, transformaram-se num verdadeiro refúgio para os apaixonados. Em cada esconderijo, criou-se um cenário perfeito para momentos de partilha, declarações e celebrações inesquecíveis.

O Dia dos Namorados foi marcado por uma atmosfera única, repleta de romantismo e energia positiva. Casais, amigos e convidados reuniram-se para celebrar o amor, embalados por música ao vivo e por mensagens inspiradoras que aqueceram os corações presentes.

O São Valentim sequestrou todas as atenções do dia. As floriculturas, Shanaze entre as destacadas, as decoradoras e todas artes de encenação artística-amorosa, venderam soluções de todas preferências. Houve quem empreendeu nas fantasias e serviu de herói no ápice da noite. Mas no canto, na poesia e no suave da voz, as guitarras e outros instrumentos cantavam o amor.



As cores foram escolhidas a dedo. As vestes completavam a decoração em mosaicos pintados e enfeitados para todos gostos. Uma correria que celebra a desobediência imperial. A mais célebre das lembranças que se tem de um sacerdote, ainda que vestido sob pretexto de amor.



As almas vagantes em Lichinga deram dignidade ao sacrifício do sacerdote. Enquanto uns partiam, outros aterravam. O Aeroporto foi dos pontos de convergência do espírito valentino. Autoridade ou não, os corações estavam despidos de poder, respiravam submissão ao amor. Luís Jumo, como autarca, falou aos seus:

"O dia dos namorados deve ser sempre celebrado. Oferecer flores deve ser normal, tanto para homens assim como para as mulheres."

O ponto mais alto do dia, foi a noite. Na sua descrição típica, ela guardou todos segredos, desde os ocultos aos revelados; dos sórdidos aos decentes; dos audazes aos receosos. Foi uma confidente fiel até as actuações tomarem conta de todos. No Holy Grill, Tomás, encantou num acústico singular, revelou viver um amor verdadeiro e marcante:

"O amor é algo bonito. A música é a minha forma de expressar sentimentos e, nesta noite, trouxe canções que falam de amor. É uma alegria poder contribuir para animar este público tão especial. Se quer amar, coloque-se no lugar do outro. Entregue-se por completo, de corpo e alma."



A noite também foi especial porque Marx, o Depressive, celebrou simultaneamente o Dia de São Valentim e o aniversário da sua cara metade. Emocionado, partilhou o significado do momento:

A noite também foi especial porque Marx, o Depressive, celebrou simultaneamente o Dia de São Valentim e o aniversário da sua cara metade. Emocionado, partilhou o significado do momento:

"Não é um dia comum. É uma oportunidade para intensificarmos o amor que sentimos um pelo outro. O ambiente está incrível, o local é bonito e a música ao vivo torna tudo ainda mais especial."

Em outros extremos, BW, no seu estilo característico, usou a guitarra e voz para falar de amor. Encantou numa presença formal no Restaurante e Bar Dona Bela. Enquanto o Complexo Brisa, nos mimos típicos do dia, brindou os seus convidados com o Cleyton David.

Entre os presentes, uma convidada reforçou a importância da cumplicidade e da perseverança nas relações:

"O amor é lindo. Amem-se, sejam cúmplices e aprendam a perdoar. Obstáculos existem, mas o importante é levantar e continuar."

Outra também destacou o valor da compreensão e da tolerância:

"Somos pessoas diferentes, com culturas e comportamentos distintos. É natural haver desafios, mas com paciência e diálogo é possível fortalecer e renovar o amor."



"Somos pessoas diferentes, com culturas e comportamentos distintos. É natural haver desafios, mas com paciência e diálogo é possível fortalecer e renovar o amor."

Do Restaurante Tio Pio, ouvia-se o jawa que ginga, J.O, mas na trajetória, houve quem preferiu atracar no Café Aroma, para do sabor suave que o local oferece, meditar no amor.

Mais do que simples eventos de celebração de São Valentim, a noite em Lichinga acolheu encontros de emoções, onde histórias, sorrisos e melodias se uniram para transmitir uma mensagem simples, mas poderosa:

"O amor, quando vivido com verdade, tem sempre a capacidade de se renovar."



PUB.



INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O ANO 2026

MATRICULE JÁ O SEU FILHO/A!

- Alfabetização (leitura, escrita e números)
- Apoio Pedagógico
- Acompanhamento/Reforço Escolar
- Auxílio nos TPC's
- Preparação para as provas
- Aulas de Inglês
- Actividades Lúdicas
- Educação Cívica e Ética
- Aprendizagem por experiências e valores
- Artes, música e muita diversão
- Tecnologia e inovação na sala de aula

REQUISITOS PARA INSCRIÇÕES:

- ✓ Idade mínima 6 anos
- ✓ Cópia da Cédula / B.I da Criança e do Encarregado
- ✓ Renovação de Inscrição 250Mzn
- ✓ Inscrição para novos ingressos 500Mzn

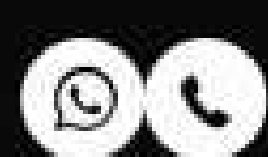
MENSALIDADES NO NOSSO CENTRO

750,00MT de 1ª a 6ª Classe
1000,00MT de 7ª a 9ª classe
1.500,00MT de 10ª a 12ª classe

MENSALIDADES AO DOMICÍLIO

1.500,00Mzn de 1ª a 6ª Classe
2.000,00Mzn de 7ª a 9ª classe
2.500,00Mzn de 10ª a 12ª classe

**OBRIGATÓRIO O PAGAMENTO
DO 1º MÊS DA MENSALIDADE
NO ACTO DA INSCRIÇÃO.**



+258 87868 3588
+258 87868 3588



Lichinga- Bairro popular
Av. Filipe Samuel Magaia



CENTRO DE EXPLICAÇÃO E REFORÇO
ESCOLAR AMIGO DO SABER

DONABELA DE CASA CHEIA RESPIRA MÚSICA E REFORÇA O TÍTULO DE DONA DA SEXTA



Em mais uma sexta feira, o Restaurante & Bar Donabela, esteve abarrotado de gente amante de música ao vivo em Lichinga. Numa presença marcada de diversão e muito acústico, as guitarras e outros instrumentos musicais mataram a fome do público.

Simão Fontes e Amigos não defraudaram as expectativas, cantaram e tocaram até inflamar os corações. Com público vibrante, cada hino ensaiado relembrava estórias, algumas adiadas pelas preocupações da vida, mas que no Donabela, ganham alento e sabores próprios.

Com esta aura, Donabela prova mais uma vez que não é apenas de temperos que se alimentam os paladares. Os ouvidos, desde que apurados, conhecem o valor de um bom baixo ou soneto.



UM NOVO DESTINO NUM VELHO E RENOVADO CAFÉ AROMA

Há lugares que reúnem prazeres. Há tantos outros que dão confiança e um galão extra de apetite. Mas há um, o Café Aroma, que combina gostos com ingredientes para todos paladares.



Por entre aquele espaço, o clima não é apenas favorável, é o trunfo das manhãs dos executivos ou não; da malta jovem na correria habitual e o ponto de convergência de todos no vespertino, entre amigos, família ou para negócios correntes.

Há relatos de acordos e parcerias forjadas ao sabor harmonioso da variedade dos chás no local oferecidos. Nos últimos dias, as idades discutem espaços e partilham estórias enquanto provam do melhor que se serve, a pizza. Há pratos para todas proveniências, mas a arte sob qual o lugar foi concebida, também respira aura para todas celebrações. Não há aniversário ou outro convívio que se recuse registar o momento entre aqueles bancos.

O detalhe da madeira sobre as mesas e entre as paredes, desperta as origens do mais longínquo dos homens. Todas identidades encontram amparo em cada gesto de acolhimento humano, sem cuidar da profundidade dos bolsos. É no bolso, que o Café Aroma, exala simpatia e conecta todos numa rede de pizza, hambúrgueres, chás ou internet, sem reparar no preço.



YERENE YETU: A VOZ QUE CANTA NIASSA NAS PASSARELAS DO PAÍS

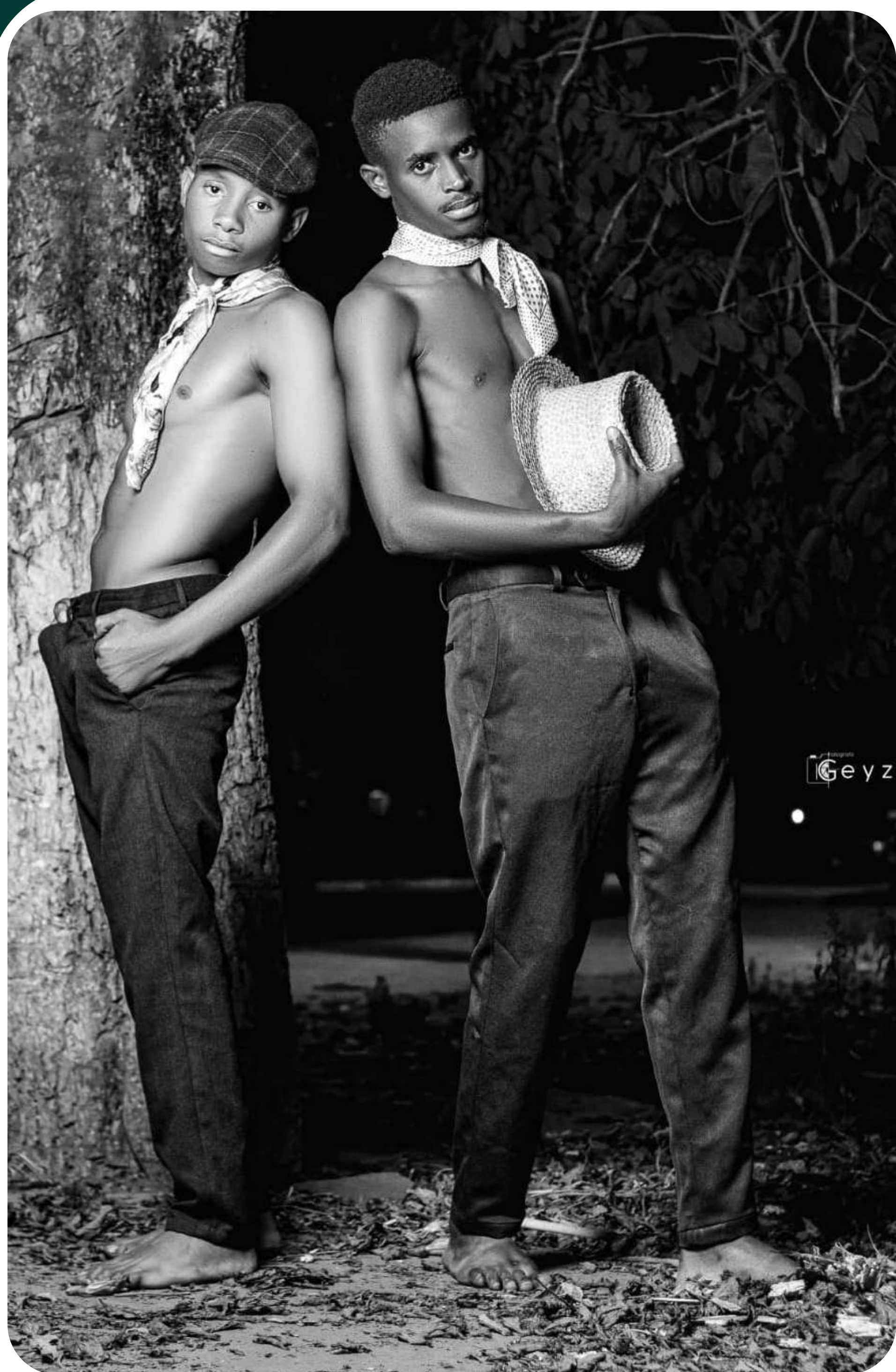


O mundo das passarelas é um tabu para muitos de nós. Moçambique ainda não conhece uma referência nas passarelas internacionais e **Yerene Yetu**, carrega este peso sobre suas costas, em nome do Niassa.

Este sonho ultrapassa qualquer preconceito ou indiferença sobre esta arte. Cada rosto pintado de preto e da selva do Niassa, é mais do que simples presença nos maiores palcos do país. É Niassa declamando a passo andado.

Desde sua criação em 2013, **Yerene Yetu** é a carruagem que transporta estes sonhos, com a tradição, identidade e ancestralidade, como maior diferencial. Foi assim nos 4 Festivais Nacionais de Cultura que a **Yerene Yetu**, vestiu a pele da selva e cantou Niassa em todos cantos do país.

Quando o país chamou pelo Niassa no **Mozambique Beauty Award**, **Yerene Yetu** disse sim, Joana Cebola (5o lugar e mulher mais bela do norte) e Rochel Piedade Farahane, brilharam em 2025, enquanto um ano antes, Believe Lojasse, já tinha por lá deixado ar de sua graça, combinando beleza, classe e glamour.



Nesses poucos anos, a Agência Yerene Yetu roçou o auge da moda africana com ascensão da Fania Carlos Muneme, no Miss Africa Unit Mozambique, onde partilhou e viveu de perto o sonho de milhares de moçambicanas no mundo das passarelas. Projecta neste momento, Serafim Orlando Figueiredo: Mister Africa Unit, King Mozambique.

Todos esses nomes, foram forjados e são matéria prima nas mãos do Yerene Yetu, o sonho mais próximo da Moda em Niassa. Apoiar a Agência Yerene Yetu, é reconhecer que Niassa respira bons ares de moda, "sim é verdade, Yerene Yetu, é nosso."

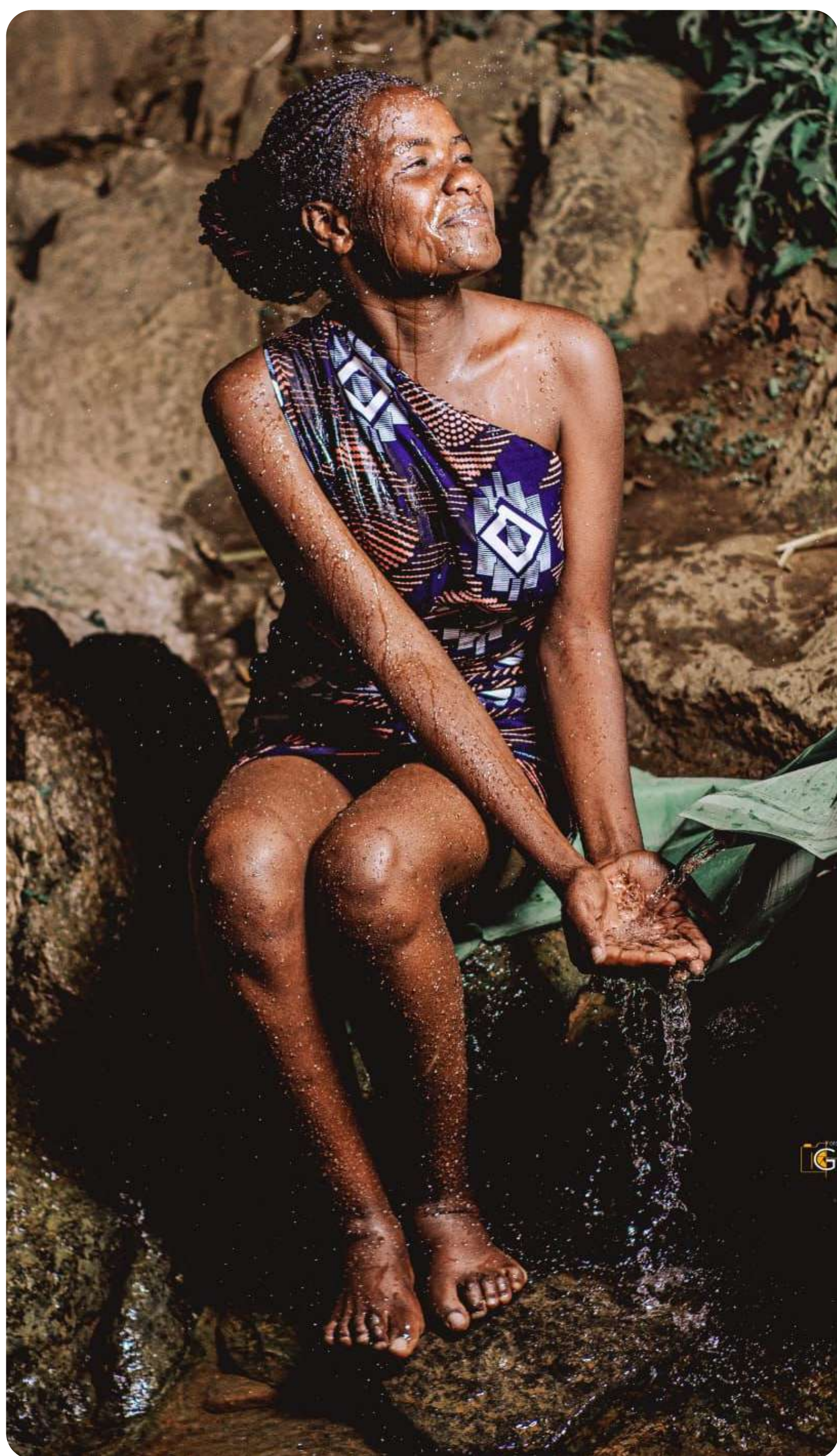




HISTÓRIAS QUE INSPIRAM

ENTRE PASSOS E POESIA: O DESPERTAR DE ROCHEL FARAHANE

Das brumas serenas de Lichinga, nasce uma presença que caminha leve, mas deixa marcas firmes por onde passa. Rochel Piedade Farahane, aos 19 anos, carrega no olhar a doçura de quem sonha alto e na postura a coragem de quem já aprendeu a não temer o palco. Com 1,69M de altura, move-se como quem conversa com o vento discreta, mas impossível de ignorar.



A sua infância foi feliz, aquecida pelo carinho das amigas e vizinhas que ajudaram a moldar a sua sensibilidade e força interior. Cresceu entre risos partilhados e sonhos confidenciais ao entardecer, num ambiente onde aprendeu o valor da amizade, da união e da esperança.

O seu encontro com a moda começou em 2023, não como acaso, mas como extensão natural da sua veia artística. Rochel sonha tornar-se modelo profissional e cantora, dois caminhos que se cruzam no mesmo propósito: expressar arte e representar a cultura. Activa na moda, na música e na poesia, transforma cada palco numa plataforma de identidade. Para ela, desfilas é também uma forma de dizer aos jovens que é possível acreditar em si mesmos, valorizar a cultura e seguir com orgulho as próprias raízes.



Estudante do 3.º ano do curso de Psicologia na UniRovuma, equilibra os livros com as luzes da passarela, provando que a beleza também pensa, sente e constrói. Acolhedora, apaixonada e divertida, carrega uma energia que aproxima pessoas e cria pontes.

Nem tudo, porém, foi fácil. As maiores barreiras que enfrentou surgiram na forma de falta de apoio emocional e financeiro. Houve momentos de dúvida e palavras negativas que tentaram abalar a sua confiança. Mas Rochel escolheu responder com força e coragem. Em vez de recuar, avançou.

A participação no Mozambique Beauty Award 2025 foi um marco inesquecível. Sentiu-se privilegiada e sortuda por representar a província do Niassa, vivendo um sonho que se tornava realidade diante dos seus olhos.

Lá, aprendeu a conviver com pessoas diferentes, de culturas diversas, num ambiente de crescimento e descoberta. Apesar dos desafios e das tentativas de a desencorajar, saiu mais forte. Hoje afirma com convicção: valeu a pena.

Também marcou presença no XIII Festival Nacional de Cultura Tete 2025, reforçando o seu compromisso com a arte e com a valorização cultural.

Rochel Piedade Farahane não é apenas uma jovem que desfila. É uma voz em construção, uma artista que acredita no poder da cultura como instrumento de transformação. Entre livros, melodias e passarelas, segue firme não apenas a construir uma carreira, mas a inspirar uma geração.

ENTRE ESPUMA DO CARWASH E GARGALHADAS: A HISTÓRIA INSPIRADORA DE PAITO NOVIDADES



Na cidade de Lichinga, concretamente no prédio Machatine, funciona um Carwash que vai além da simples lavagem de carros. É ali que Paito, jovem empreendedor e humorista, construiu uma história marcada por esforço, superação e muita alegria.

A sua jornada começou em 2014, de forma humilde. Naquela altura, o trabalho era totalmente manual, feito com baldes, panos e muita determinação. *"No início era tudo manual. Eu trabalhava só com baldes, sem máquinas. Não foi fácil, mas eu sabia que precisava começar de algum lado"*, recorda, Paito.

Com disciplina e espírito de sacrifício, Paito foi economizando parte dos seus rendimentos até conseguir comprar as suas próprias máquinas de lavagem. O pequeno serviço improvisado foi crescendo e ganhando estrutura. Hoje, 2026, o seu Carwash, localizado no prédio Machatine, é uma referência na cidade de Lichinga e já emprega seis jovens.

"Eu sei o que é começar do zero. Por isso gosto de dar oportunidade a outros jovens. Aqui ninguém fica parado", afirmou com orgulho.

O trabalho transformou também a sua vida pessoal. Com os rendimentos do Carwash, Paito consegue pagar a escola dos filhos, construiu uma casa melhorada e conquistou a sua carta de condução.

"Nada veio fácil. Cada passo foi resultado de muito sacrifício. Mas quando a gente respeita o processo, os resultados aparecem", diz, Paito.



Além do empreendedorismo, Paito é conhecido pelo seu talento humorístico. Nas redes sociais, partilha vídeos que combinam humor e mensagens educativas, conquistando seguidores e levando alegria à sociedade. Ele revela que a sua principal inspiração é o humorista Tio Yado. *"Gosto muito do trabalho do Tio Yado. Ele faz humor, mas também ensina. É esse tipo de conteúdo que eu quero levar para o meu público"*, explica.

Para ele, o humor tem responsabilidade social. *"O humor não é só para brincar. É também para ensinar e transmitir coisas boas de forma leve."*

Durante a entrevista à Revista Upile, Paito deixou um apelo forte aos jovens que ainda não encontraram uma ocupação. *"Aconselho a todos os jovens que não esperem por oportunidades grandes. Tudo é gradual. O sucesso é fruto de trabalho e sacrifício. Respeitem o processo."* E acrescenta: *"Estou disponível para ajudar os outros jovens. Eles podem vir trabalhar comigo aqui no meu Carwash, como forma de desviar os jovens da má vida."*

Entre espuma, máquinas e gargalhadas, Paito prova que não existe trabalho pequeno quando há determinação. Da simplicidade dos baldes ao Carwash estruturado no prédio Machatine, na cidade de Lichinga, a sua história é um exemplo de que o sucesso nasce da persistência, do foco e da vontade de crescer sem esquecer de espalhar alegria pelo caminho.

DAS BATATAS AO PEQUENO LUXO



Das margens do rio Ngame, em plena EN13, fogões e brasas de fogo incendeiam óleo que se contorce num calor escaldante. Na fuga pelo calor, estômagos vazios e despidos de preconceitos rotam temperos e falam de boca cheia de estórias que orgulham a partir de Mandimba.

Valdemiro Caetano Alberto, "Valdo" para os paladares ambulantes ou passageiros na paragem de Cuamba, em Mandimba. Jovem sonhador, que descobriu vida na batata. Nascido e residente em Mandimba, despiu-se do BR que nunca germina uma oportunidade e a cada ano cresce raízes em gavetas entulhadas de papéis e adia a chamada para a vaga de que tanto sonhou.

Enquanto a espera dura, Valdo fez dela um ponto de encontro e serve no seu marrague, para todos gostos. De uma esquina de batata frita, salada de repolho e pedaços "canhenha" de frango, construiu um lar para quem a distancia o separa da casa. Nesse tempo, separa-se também dos pais, adopta uma vida própria e amplia seu horizonte, suas contas e sonhos.

Na sua aventura, Valdo, começou fritando batata rena, salada de repolho e pedaços "canhenha" de frango em 2018. Da sua esquina, sai o lanche para os gabinetes. Aquele negócio da rua, hoje pariu e alimenta gente de terno e gravata. Cresceu, ganhou barba e respira ar fresco nos refrigerantes, e conheceu sotaques e paladares sofisticados pelo mayonnaise ou tomate souce.

Sem exigir muito do BR com a barba já rija, conta com 3 colaboradores que igual a si, sonham viver sem depender de nenhum despacho de pedaço de papel.



O jovem empreendedor, fala de um trabalho árduo e de uma mudança drástica na vida, mas com contas pagas, tecto para família e uma memória de miséria que habita no passado. Condignamente, dorme, come, circula e presta serviços de deliver aos seus clientes, como nunca sonhou antes.

"Consigo fazer entregas de encomendas ou levantar produtos em Malawi com a minha motorizada."

Uma referência nas instituições públicas da vila de Mandimba, o que lhe deixa mais feliz e satisfeito porque em nenhum momento já recebeu reclamações vindo dos clientes de má qualidade dos seus serviços. Valdo, encoraja os jovens na busca de soluções locais para contrariar a fraco poder de compra e a vida de dependência que a maioria leva.

"O orgulho não paga as contas. Enquanto muitos esperam pelo emprego no Estado, vivem de aparências e acabam frustrados, por isso, eu decidi apostar neste negócio, e hoje, tenho sustento, casa condigna e transporte para minha família."



ENTREVISTA

YERENE YETU: A VOZ QUE CANTA NIASSA NAS PASSARELAS DO PAÍS

Entre conversas descontraídas e sorrisos sinceros, conhecemos Roberto Mussa Ngonhola, carinhosamente tratado por Ndjomba, um artista escultor que há 18 anos transforma madeira numa verdadeira mina de ouro. A sua trajetória é marcada por dedicação, perseverança e paixão pela arte.



Ndjomba iniciou-se na arte da escultura há quase duas décadas. Desde então, tem demonstrado empenho contínuo no aperfeiçoamento do seu talento. “O governo tem me apoiado muito, particularmente a Direcção Provincial da Cultura e Turismo”, afirmou o artista, reconhecendo o suporte institucional que tem recebido ao longo da sua carreira.

A jornada de Ndjomba começou sob a orientação do seu mestre, Nduwa Robate, mentor que o ensinou a esculpir as primeiras peças, como pilões de alho, açucareiros e utensílios tradicionais. Com o tempo, a sua criatividade expandiu-se, passando a produzir peças mais complexas e simbólicas, como mapas de África, Moçambique e da província do Niassa, além de outras esculturas decorativas e culturais.

Cada peça produzida carrega não apenas técnica, mas também identidade cultural e expressão artística.

Ao longo dos 18 anos de carreira, a escultura não foi apenas uma paixão, mas também uma fonte de sustento e progresso pessoal. O artista revela que, graças ao seu trabalho, conseguiu construir a sua casa e garantir a educação dos seus filhos e familiares.

"Vivo da arte. Eu respiro arte e toda minha família não conhece outro sustento que não seja arte. A minha vida é dedicada nesses objectos porque através deles ganho educo os meus filhos, tenho tecto e dignidade."

Actualmente, as suas obras ultrapassaram fronteiras. Ndjomba conta com clientes em diversos países, como Estados Unidos da América, Brasil, Portugal, Alemanha, México e Holanda, consolidando o seu nome no mercado internacional. Entre as fronteiras, Ndjomba conta com um vasto repertório, onde os Festivais Nacionais de Cultura ou o mais recente Festival das Estrelas do Lago, tem sido nos últimos anos, sua maior montra.



Para o artista, o sucesso não se resume apenas à habilidade técnica. Ele acredita que a chave está nos valores que orientam o seu trabalho:

"O segredo é a humildade, flexibilidade, entrega e qualidade dos serviços prestados. Deixar o cliente feliz é minha prioridade, porque quando o cliente se sente feliz com o trabalho, chama outros clientes." Essa filosofia tem sido determinante para manter e ampliar a sua carteira de clientes.

Apesar das conquistas, Ndjomba demonstra preocupação com o futuro da sua arte. Ele confessa que deseja ver mais jovens interessados em aprender a escultura.

"Meu maior desejo é ver jovens com vontade de aprender esta arte. Sinto que, se eu morrer, a minha oficina também desaparece, porque não tenho ninguém disponível para continuar o legado."



O artista reforça que as portas da sua oficina estão abertas para qualquer jovem interessado em aprender e dar continuidade a essa expressão cultural.

Em gesto de consideração final, Ndjomba agradeceu ao Governo, na pessoa da Governadora, ao Presidente do Conselho Municipal e à Direcção Provincial da Cultura e Turismo pelo apoio prestado ao longo da sua caminhada.



A história de Ndjomba Ngonhola é um testemunho de que a arte, quando cultivada com dedicação e humildade, pode transformar vidas, gerar reconhecimento internacional e preservar a identidade cultural de uma comunidade.





OPINIÃO

DIA 14 DE FEVEREIRO: QUANDO O AMOR SE MEDE PELO PREÇO.



À medida que o dia 14 de Fevereiro se aproxima, repete-se em Moçambique um ritual já conhecido. As montras tingem-se de vermelho, os restaurantes ajustam os preços e as redes sociais preparam-se para mais uma exibição colectiva de afecto. Tudo parece cuidadosamente montado para celebrar o amor. Mas basta olhar com atenção para perceber que, muitas vezes, o sentimento fica em segundo plano, enquanto o consumo ocupa o centro da cena.

Surge então uma pergunta simples, mas necessária: que amor é este que celebramos, e por que razão o fazemos no dia 14 de Fevereiro?

O chamado Dia dos Namorados não nasce da história moçambicana. As suas origens estão ligadas a tradições europeias, associadas à figura de São Valentim, que pouco dialogam com as nossas vivências culturais. Em Moçambique, esta data não emerge da memória colectiva nem das narrativas transmitidas pelos mais velhos. Chegou-nos de fora, foi repetida, normalizada e, com o tempo, transformada num padrão quase obrigatório.

O problema não está na celebração do amor, mas na forma como ela tem sido conduzida. Aos poucos, o sentimento foi sendo empurrado para o campo do material. Flores, jantares e presentes tornaram-se símbolos quase exclusivos de afecto. Quem pode oferecer, prova que ama; quem não pode, sente-se excluído. Assim, o dia 14 de Fevereiro acaba por expor, de forma silenciosa, as desigualdades sociais que marcam o país.

Fica a interrogação desconfortável: ama menos quem tem menos?

Durante muito tempo, o amor em Moçambique seguiu outros caminhos. Não precisava de calendário nem de vitrinas. Manifestava-se na partilha do pouco que havia, na solidariedade entre famílias, na construção paciente da vida a dois. Era um amor vivido no quotidiano, sustentado pelo compromisso e pela presença, não pelo espectáculo público.

É por isso que vale a pena questionar se não chegou o momento de repensar esta data. Não poderíamos celebrar o amor a partir da nossa própria história? Não existe, real ou simbolicamente, uma narrativa moçambicana que pudesse dar sentido a um Dia dos Namorados nosso? Um amor que resistiu à guerra, à distância, às dificuldades económicas, ao tempo?

Onde Estão os Nossos Heróis do Afecto?

A grande questão que esta data levanta é a ausência de uma âncora histórica nacional. Por que celebramos um bispo romano que nunca sentiu o cheiro das nossas manhãs húmidas ou da terra vermelha após a primeira chuva de Outubro?

A história de Moçambique está repleta de figuras e episódios que poderiam, e deveriam ancorar a nossa própria celebração do afecto. Precisamos de olhar para o nosso passado não como um arquivo morto, mas como um reservatório de símbolos românticos.

A nossa história é, em grande parte, uma história de partidas. Milhares de homens partiram para as minas da África do Sul, o mítico Jonni, deixando para trás mulheres que guardaram o fogo do lar por décadas.

Este amor de distância, alimentado por cartas raras, por fotografias a preto e branco e pela esperança indomável do reencontro, é de uma densidade literária superior a qualquer tragédia de amor europeu.

É um amor que resiste à ausência física e que é, em si mesmo, uma instituição de resistência nacional.

Se buscamos um exemplo de devoção absoluta, por que não olhar para as esposas do Imperador Ngungunhane? No momento da queda e do exílio forçado para os Açores, a lealdade daquelas que o acompanharam para o desconhecido oceânico representa um amor que transcende o ego e se funde com a dignidade política. É o afecto transformado em destino comum.

Se lermos os nossos poetas, percebemos que o amor moçambicano é um amor de "mãos dadas com a liberdade". Para José Craveirinha, amar não era um acto isolado, mas uma comunhão com o destino do povo. Na prosa de Mia Couto, o amor é muitas vezes uma entidade mágica que cura as feridas da guerra e reconstrói o mundo a partir dos escombros.

Esta literatura ensina-nos que o nosso 14 de Fevereiro não deve ser uma cópia. O nosso amor; ele cheira a mar e a lenha. Ele não precisa de cupidos de plástico quando tem a força das nossas acácias, que florescem mesmo quando o chão parece árido.

Para uma Descolonização do Afecto, esta data, embora importada, precisa ser "moçambicanizada" pela força da vida.

O convite aqui não é abolir a data, mas subvertê-la. Que os nossos artistas e pensadores institucionalizem a nossa própria narrativa. Até lá, que celebremos este dia como o que ele realmente é: não um festival de consumo, mas um acto de resistência poética. Porque em Moçambique, amar é, antes de tudo, acreditar que amanhã o sol voltará a nascer sobre o Índico, e nós estaremos lá, juntos, para o receber.

VALENTINS DAY'S DA

**Florista
Shanaze**



**Temos: Bouquet| Ornamentação de
quarto| Flores naturais e artificiais
| Brindes e muitas supresas**

**Faça a sua encomenda até o dia 12 de
Fevereiro**



O Encanto no seu Canto

Cidade de Lichinga

Contactos: +258- 841920089/ 866349940





COLUNA

NO DJANDO

DEPOIS DAS LÁGRIMAS

Por Luís Madaba



Já admirava Shakespeare, quando disse: "Que obra-prima é o homem", pois é, o homem é este ser que cria ou inventa fórmulas, ora vejamos – enquanto de um lado da cidade, há quem não molha a linha com saliva no processo de colocá-la na agulha para costurar, no outro lado da cidade, há quem no processo molha a linha para costurar belas peças de amor, mesmo vivendo na época do amor líquido.

Talvez seja por isso, inventar ou criar fórmulas que tanto no infortúnio ou na alegria há sempre emoções de alegria e de tristeza – respectivamente, que de igual modo geram lágrimas e são como a água do baptismo, renovam ou nos levam para um novo amanhã. As lágrimas, também, são como o grito, neste caso grito de amor e, não se escondem, se ouvem sem esforço, mesmo a quilómetros de distância.

E, se forem lágrimas de amor, geram a exaltação do amor, essa mágica que ninguém sabe definir ou explicar – amor é isso, magia sem definição, quem criou isso, criou a primeira prisão, diz-nos o cantor Angolano C4 Pedro.

Se for verdade, é caso para dizer, todos nós, sofremos da chamada Síndrome de Estocolmo, todos sim, pois é, nenhum homem, com "H" maiúscula pode se dar ao luxo

de nunca ter amado, até as sementes amam a terra fértil e, demonstram sua essência de amor ao germinar.

Nutrimos uma paixão pelo nosso carcereiro, o amor, essa frase sem explicação, aliás, há sentimentos que não se explicam e não dependem de explicações, mesmo fora do campo do amor, há também declarações que fazem ventar lágrimas, não por serem amargas mas, por serem doces, afáveis, de renovação e superação, são lágrimas que confirmam o que os grandes filósofos previram: O amor não se dirige ao belo, dirige-se à geração do belo, qual construtor do belo não se encanta com cada passo dado na edificação da sua obra?

Sim, foi isso que se viu ou se ouviu da boca das almas apaixonadas, naquele último 14 de Fevereiro.

Cada arquitecto, usando o melhor que há na sua gaveta de criatividade, dizer para o outro sobre o amor e, sem demora,

os ditos percorreram os órgãos de sentido, consequências criaram convulsões em forma de emoções que transbordaram, criando tsunamis, expressas em lágrimas e semblantes de felicidade, brilhantes como pétalas de rosas, o brilho do arco-íris – revelando superação, cumplicidade e renovação, afinal, qual edifício, admirado por todos, não saiu de escombros, que os construtores não plantaram calos em suas próprias mãos ou suaram durante a edificação? Que o digam os pedreiros, arquitectos e engenheiros.

O amor é mesmo isso, caminhar, construindo o belo e, não o contrário, até por que, o único caminho sem obstáculos é o que nos leva ao calvário, inferno, de tão tentador que é o calvário, não existem obstáculos perceptíveis ou visíveis na hora da ilusão.

Amar é isso, magia sem definição e, depois das lágrimas, temos mais certeza do passo que se deu, não é tiro no escuro, é, tiro certo.

As casas de pasto estavam vestidas a rigor, como forma de indicar o caminho de construção do belo, o vermelho e branco era o denominador comum, vestia as mesas e ou a decoração das salas, a indumentária dos apaixonados, não ficou alheia ao dia em que o amor ou gestos de amor se colocam na vitrina.

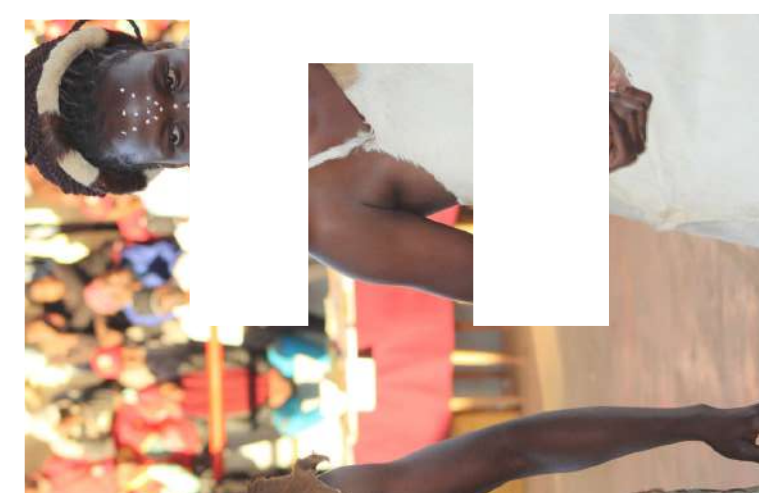
O paradoxo, alguns rostos indicavam repulsa, como que a dizer, estou aqui por obrigação ou para fazer teatro de bom marido ou esposa, como se de actor se tratassem, porém, como actores não devem ser aprovados uma vez que, a encenação não teve nada de natural, foi muito notória a falta de naturalidade, enquanto uns se amavam, renovavam votos perpétuos de amor, caminhavam para a construção do belo, outros, se machucavam, estes,

provavelmente, dizem, o amor não é construir o belo, é destruição, contrariando assim, a natureza ou melhor, confirmar a profecia do sociólogo Zygmunt Bauman expressa no livro com o título Amor líquido – facto para dizer, na época do amor líquido, há sempre um, que não molha e nem quer molhar a linha com saliva para que ela entre na agulha sem complicação e com ela, costurar o belo, como o fazem os alfaiates artesanais.

Termino estes devaneios com a seguinte pergunta: Afinal, que obra-prima é o homem, que por um lado, tem uma espectacular engenharia para costurar o belo, por outro, uma espectacular engenharia para destruir ou costurar abismos? Antes de responder saiba que, depois das lágrimas, sejam elas de alegria ou tristeza, há sempre um novo amanhã.



RESENHA



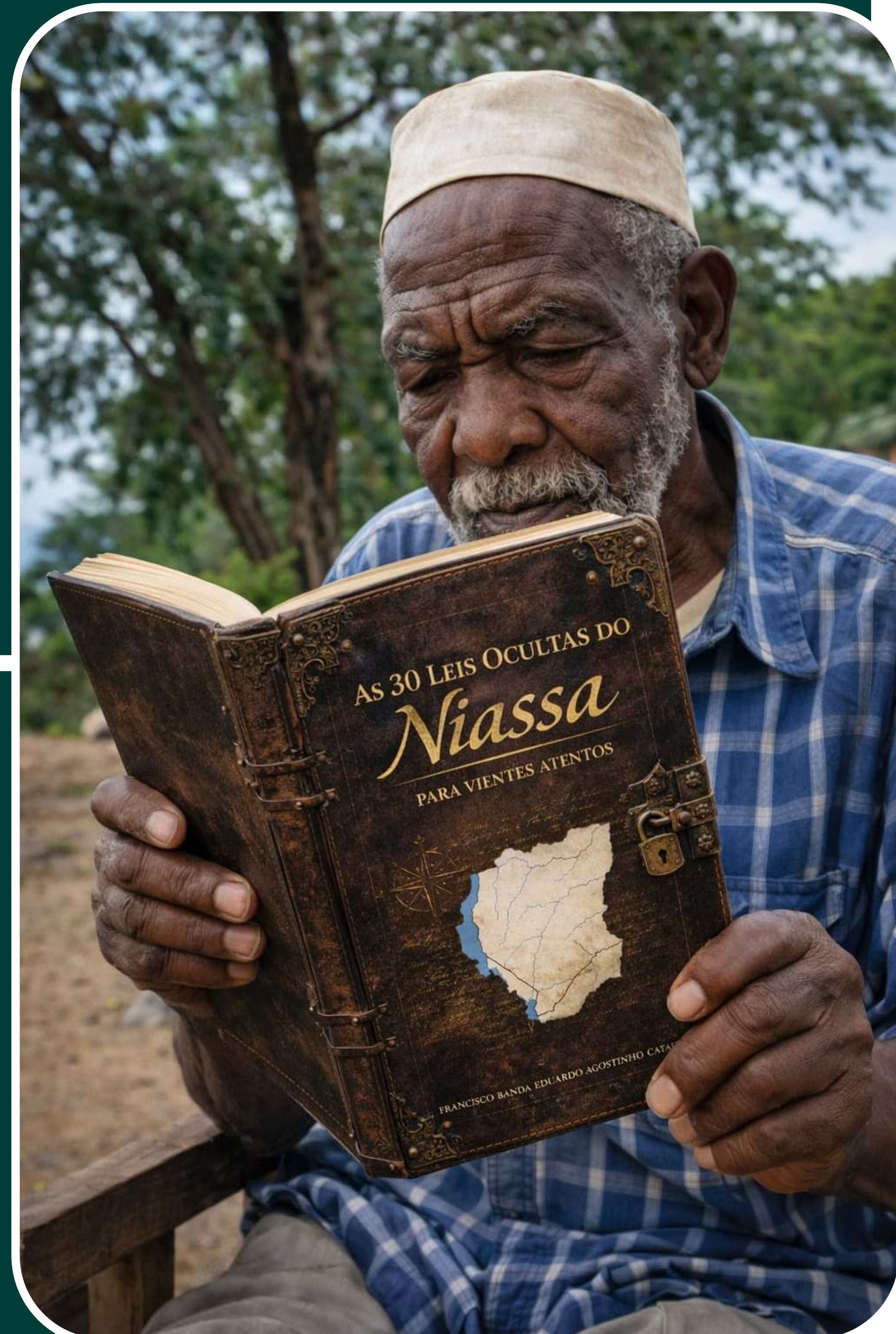
CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE "AS 30 LEIS OCULTAS DO NIASSA PARA VIENTES ATENTOS"

Por: Mendes Álvaro Paulo
(Mbepozine Macheche)

As leis dedicadas à província de Niassa, constituem um projecto literário de forte valor simbólico, destacando-se pela defesa da identidade cultural, pela valorização da memória colectiva e pela tentativa de transformar experiência social em reflexão ética.

Entre os pontos positivos, sobressai a originalidade discursiva, o equilíbrio entre prudência cultural e universalidade humana, a construção metafórica consistente e a sensibilidade histórica que evita caricaturas da realidade provincial. A obra possui também forte coesão temática, mantendo a ideia central de convivência, respeito e inteligência social.

Contudo, alguns aspectos podem ser melhorados. O texto, em certos momentos, aproxima-se de generalizações culturais que podem limitar a interpretação crítica e académica. A excessiva abstracção simbólica pode dificultar a leitura para públicos não familiarizados com o estilo ensaístico-poético adoptado. Além disso, a ausência de exemplos concretos em algumas leis reduz o potencial analítico e sociológico do projecto.



Sugestões ao autor:

1. Introduzir, ocasionalmente, ilustrações históricas ou situações narrativas que concretizem as teses;
2. Equilibrar densidade poética com clareza comunicativa;
3. Evitar formulações que possam ser interpretadas como estereótipos regionais.
4. Expandir o diálogo entre tradição cultural e contemporaneidade social.

No geral, o projecto revela maturidade estética e forte identidade literária, sendo mais um ensaio cultural filosófico do que um código jurídico.

As oito leis analisadas, que ecoam sobre a província de Niassa, não são mandamentos, mas, arcos de sentido erguidos sobre o tempo. Entre o nome e o silêncio, entre a memória e a escolha, entre a crença e a lucidez, desenha-se uma gramática rara da convivência humana. A obra sugere que viver nesta terra é aprender a caminhar com passos epentéticos da prudência, onde a palavra se torna custódia da paz e a sombra apenas repouso do espírito. Assim, o Niassa revela-se não como imperativo, mas, como melodia ética que se pronuncia com o verbo lento da dignidade colectiva.



ENTRE VERSOS

TERRA DE NINGUÉM

Por Feliciano Paiva

Em uma tarde calma e fria
Aceitei a realidade que a vida
trazia
Em esquecer o passado e viver o
presente

Senti a dor do meu sofrimento
Sou para esconder o mas
tristonho segredo
Que o presente levou com o vento
Aumentando a cada vez o meu
medo

Em pranto gemia
Na calada da noite, já não comia
Pois não só perdi a metade da
minha vida
Como também, o pão da vida

Ouvia vozes sem manto
Que clamavam a partida do seu
rei
E eu me perguntando onde errei
Para merecer ter papel nesse
conto

Perdida nas curvas da morte
Estava eu em busca de uma sorte
Para salvar o estômago que dizia
Somos quem sois vos quis um dia



A minha receita de ooteca
Adicionava um pouco do
jindongo
Para não sentir a dor da
hipoteca
Que nos deixou nas águas do
Licungo

RECOMEÇO

Por A Estrangeira

Recomeço com cautela, coração aberto,
Mas com medo de ser enganada novamente.

A dor do passado ainda ecoa em minha alma,
E eu me pergunto se posso confiar.

Mas o amor é um risco que vale a pena correr,
E eu estou disposta a arriscar novamente.

Com passos lentos, eu vou em frente
E espero que desta vez seja diferente.

Talvez eu encontre um amor verdadeiro,
Que me veja e me ame por quem sou.

Ou talvez eu possa cair de cara de novo,
E de novo amar novamente
Sem tramas, amar novamente,
sem medo.



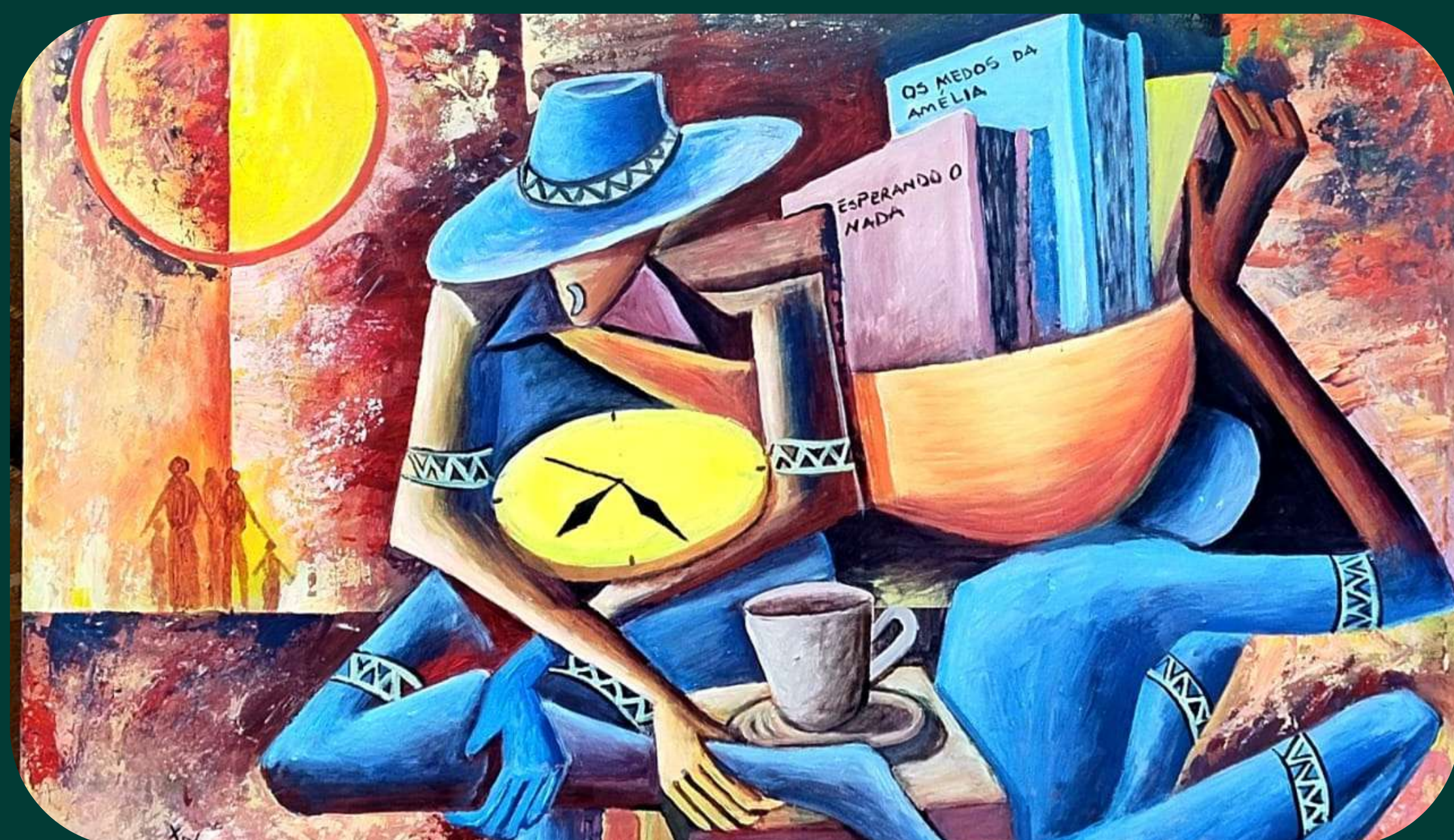
RETRACTOS D'ALMA

Por Pré Destinada

Dor escancarada,
Alma cansada,
Corpo de Maria,
Maria doou seu corpo por boleia
duma D4D,
Depois virou as noites lá no bar
do Alex.

Foi comida por cães, Maria,
Eram cães de raças diferentes,
Os cães deixaram um buraco no
corpo de Maria,
Maria era novidade,
Agora Maria é Maioria,
Maria é Major, armada de hunters
gold.

E o buraco?
O buraco virou espelho,
E o espelho refletiu um rosto que
Maria não reconheceu.
Maria, antes sóbria, agora
perdida no nevoeiro,
Em cada gole, um pedaço da
alma se desfazia.
Caminhou nas sombras, onde
ninguém a viu,
E em cada rua, um grito não
ouvido.



O Major agora não sorri,
Mas a arma reluz,
Caçando fantasmas que falam
de um ontem,
Onde Maria era menina,
E o mundo ainda tinha cor.
Agora, as cores se apagaram,
E Maria, em silêncio, atira para
longe,
Para longe do que restou da
vida.

O corpo de Maria se tornou aço,
As lágrimas, veneno.
Mas Maria, armada, já não tem
medo,
Não de mais nada, nem de
ninguém.
Maria não é mais novidade,
Mas a Maioria,
A Maioria que virou sombra
Nas ruas sem nome.



MINHA BIO

HOMENAGEM- CHUCHU NIASSA



De nome oficial Bonifácio José Tale Mussa, nos palcos conhecido por Chuchu Niassa, é natural da cidade de Lichinga na província de Niassa, Filho de Bonifácio Mussa e Anastásia Tale Mussa.

Conheceu o mundo no ano da independência e inicia o ensino Pré-Escolar no Jardim Infantil de Lichinga, percorrendo toda formação académica por debaixo das terras do planalto.

Na flor da adolescência, quando o ponteiro cronológico apontava 1992, dos seus dedos roça ainda que de leve o piano com uma professora britânica, na Associação Cultural Casa Velha, onde fazia parte do grupo cultural Canto e Dança, berço da maior parte dos nomes da cultura de Niassa. Nessa altura lidera grandes bandas musicais, FIVE STAR e os INCRIVEIS.

Quando o mundo aguardava a fumaça branca dos Acordos da PAZ, Chuchu Niassa já era membro da Organização Continuadores de Moçambique, organização a partir da qual os INCRIVEIS brilharam no Aeródromo de Lichinga, aquando da primeira visita do Presidente Joaquim Chissano à província do Niassa, entre 92/93.

Com apoio da então Secretaria da Organização dos Continuadores, Ivone Mahumane e do então Governador do Niassa, Aires Bonifácio Aly, os INCRÍVEIS tiveram a proeza de gravar uma obra discográfica nos Estúdios Centrais da Rádio Moçambique na capital do país, nos anos 96/97, obra que fazia parte o sucesso KULOMBELA, que levou a uma participação inédita de artistas do Norte do país no Ngoma Moçambique de 1998.

Com apoio da então Secretaria da Organização dos Continuadores, Ivone Mahumane e do então Governador do Niassa, Aires Bonifácio Aly, os INCRÍVEIS tiveram a proeza de gravar uma obra discográfica nos Estúdios Centrais da Rádio Moçambique na capital do país, nos anos 96/97, obra que fazia parte o sucesso KULOMBELA, que levou a uma participação inédita de artistas do Norte do país no Ngoma Moçambique de 1998.

No Ngoma Moçambique 1998, o líder e vocalista da banda, Chuchu Niassa, foi convidado para ensaiar no auditório da Rádio Moçambique em Maputo, partilhando palcos com grandes músicos moçambicanos, ganhando na altura o prémio revelação, medalha e um troféu. Como sol de pouca dura, os INCRÍVEIS dissolveram se dando origem a fundação da banda Massukos.

Como homem das artes, Chuchu Niassa investiu numa carreira a solo e em 1999 grava a primeira obra discográfica da província, em CD e cassete, editado pela Vidisco Moçambique, sucesso no país e nos PALOPs. Fruto desse trabalho, adquiriu instrumentos musicais como pianos e guitarras para a sua escola de música, onde nasceram vários projectos de bandas musicais de renome, como a Banda os Kassimbos, a Banda Massuquinhos, a Banda Ulongo, bem como músicos a solo como VDL ou Carlos de Lina, entre outros.

Com essas aparições, o nome Chuchu Niassa, ganha contornos gigantes. Um dos momentos memoráveis foi quando a convite da Ponta Vermelha, cantou e tocou no aniversário do então Presidente da República, Armando Emílio Guebuza.

Fez parte do leque dos artistas que actuaram no show de celebração da reconversão da Hidroeléctrica de Cahora Bassa, em Songo na Província de Tete. Tocou para Sete Presidentes Africanos, na tenda ao vivo, e igualmente no espectáculo popular com músicos moçambicanos de renome incluindo a Banda os DJAKAS.

O artista dos presidentes, foi galardoado com a Medalha e Diploma de honra em ARTES & LETRAS pelo então Presidente da República de Moçambique, Filipe Jacinto Nyusi. Mas também, conta no seu repertório com o Prémio Carreira no Ngoma Moçambique 2019 e no Ngoma Syeto 2025, na cidade de Maputo e Lichinga, respectivamente.

O homem dos projectos infindáveis, Chuchu Niassa, neste momento busca apoio para editar duas das três obras já gravadas. Enquanto não chega o financiamento, os dedos continuam sobre o piano, onde ensinam os mais novos os dotes de um pianista na igreja Católica.

Na metamorfose de Bonifácio José Tale Mussa, Chuchu Niassa, actualmente exerce funções de jornalista da Televisão de Moçambique, Delegação de Niassa, como câmara man, mas também igual a sua idoneidade, o Sindicato Nacional de Jornalistas confia-lhe as funções de Secretário provincial da agremiação. Um só homem, mil e uma artes! Vénias a ti, Chuchu Niassa.



PERGAMINHOS

PÉTALA NUA

Ai flores, ai dores, ai lume que
ardes, se de ti nasce o canto, no
canto do canto? Eu te encanto!
O que é isso?
Isso é língua portuguesa

Pétala nua!
Já viu uma lua brilhar sem sol?
Seja a minha flor,
Não importa a cor,
Eu serei teu pássaro,
beija flor,

O que é isso?
Isso é língua portuguesa

Me chame de sol,
Você é meu mundo,
O mundo gira em torno do Sol,
por isso você é meu Girassol.
O que é isso?
Isso é língua portuguesa

Amor é fogo sem fumaça,
Eu? Eu me queimo em chama,
E os meus amigos só batem as
palmas!
O amor!
É desejo do pecado,
Quando eu te vejo,
fico chapado,
E quase que não me cago!
O que é isso?
Isso é língua portuguesa



Beijo-te como quem reza e peca,
Pecado!
Tudo que você faz tem graça,
Engraçado!
Te quero hoje a noite no meu
quarto,
Safado!
O que é isso?
Isso é língua portuguesa

Dom Dinis chamava-te flor do
jardim!
Ai flores ai flores do verde pino,
Ah sai
Eu chamo-te pétala nua,

Ai flores ai dores ai lumes que
ardes, se de ti nasce o canto no
canto do canto? Eu te encanto!
Moça os teus lábios tocando nos
meus isso é beijo. 2X
Mas a tua língua tocando a
minha
O que é isso? isso é língua
portuguesa! 2X

Por Gato Mau

CASADA PARA SOCIEDADE

Em uma rua popular da cidade
Eu e tu, de mãos dadas
Em frente a multidão, sorrisos
marotos

Abençoada um pouco, sortuda
talvez
Conversas jogadas fora no meio
dos familiares
Tínhamos sentimentos aos
milhares durante o dia

Naquela noite, eu chorei e tu nem
viste
Em todas as madrugadas eu
sangrei e tu nem percebeste
Dormi sozinha e vocês nem se
importaram

Essa é a vida que tive que
aparentar
Com medo do que os vizinhos
iam pensar
Me ofusquei com medo do que a
sociedade vai comentar



Entre feridas e lágrimas, eu me
conti para não vos decepcionar
Entre colinas e montanhas, eu
segurei para na sociedade não
vos envergonhar

Vocês diziam para engolir o
choro
Enquanto tudo se destruía
Diziam para disfarçar ausência
Enquanto tudo ruía

Entre 4 paredes, feridas
alimentavam o rafeiro
Ainda assim, me encolhi para
caber no vosso mundo.

